



ARTIGOS

TECNICOS

PRODUÇÃO E ARMAZENAMENTO DE GRÃOS EM SÃO PAULO

Sebastião Nogueira Junior

1 - INTRODUÇÃO

Mesmo dispondo de espaço razoável para armazenamento de grãos, a capacidade de estocagem do Estado de São Paulo apresenta ainda deficiências no tocante à aparelhagem, sobretudo para melhor integração com o sistema de transportes. Este problema faz-se notar dado que a armazenagem a granel só passou a ser expressiva a partir de 1974, com a implantação dos chamados "Corredores de Exportação", e ganhou impulso a partir de 1975 com a criação do Programa Nacional de Armazenagem (PRONAZEM), visando equilibrar a oferta e demanda de armazenagem e promover a modernização de equipamentos. Entretanto, a capacidade estadual de armazenagem para grãos chega, hoje, a apenas 25% da capacidade de armazenagem.

A vantagem do manuseio a granel, além dos ganhos econômicos no transporte, é possibilitar o emprego de modernos métodos de conservação. Contudo, a existência de várias classes e tipos para cada produto tem sido entrave para uma rápida expansão da granelização.

O que tem deixado a desejar, apesar dos esforços governamentais, é a descontinuidade do Programa, não permitindo integração entre os três segmentos da armazenagem primária, intermediária e terminal - comprometendo, portanto, o perfeito funcionamento do sistema.

Segundo a Companhia Brasileira de Armazenagem (CIBRAZEM), a rede armazenadora a nível de propriedade, sobretudo utilizada para conservação de grãos, corresponde a 2,5% da produção nacional, dos quais apenas 0,7% se refere a silos pré-fabricados. A Região Sul do País responde por 71% do total da capacidade existente nas propriedades, a Sudeste por 9% e a Centro-Oeste por 20%. As perdas na propriedade, por falta de secagem e/ou estocagem adequadas, causam danos da ordem de 10% a 30%, variando de acordo com o produto.

Quanto à armazenagem intermediária, no Estado de São Paulo tem havido grande ociosidade nos armazéns e silos da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP), inclusive em regiões importantes na produção de grãos. Exemplo disso é que em 1979 e 1980 (até julho) os índices de rotação dos armazéns foram, respectivamente, de 0,76 e 0,46, e dos silos de 1,16 e 0,76. Atualmente, a capacidade total de armazenagem da CEAGESP, que se constituiu na rede oficial do Estado, é de 1.583.680 toneladas, das quais 642.300 toneladas referem-se

a silos e 941.380 toneladas a armazéns. Há, inclusive, um silo de 100 mil toneladas de propriedade da Ferrovia Paulista S.A. (FEPASA), localizado em Sumaré, cuja operação está afeta à CEAGESP.

Este segmento, mesmo assim, apresenta entraves, não são de ordem técnica mas também de localização.

Por sua vez, a armazenagem terminal, com unidades localizadas nos grandes centros consumidores ou em regiões portuárias, atuando como reguladora do abastecimento ou no fluxo de exportação, ainda apresenta problemas estruturais, onerando seus custos de funcionamento.

Cabe lembrar que este trabalho não considera as recentes modificações administrativas realizadas nas Divisões Regionais Agrícolas (DIRA's), podendo apresentar valores regionais diferentes para a produção estimada pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA). Da mesma forma, não se refere aos dados mais recentes levantados pela CIBRAZEM. Tais fatos, entretanto, não invalidam a análise global e, mesmo, peculiaridades regionais.

2 - ANÁLISE REGIONAL

A análise a nível regional coloca em confronto dados do setor agrícola com a capacidade de armazenagem, visando detectar suas implicações na comercialização. Segundo a CIBRAZEM, existia no Estado de São Paulo, em 1978, uma capacidade estática total de 10,4 milhões de toneladas (armazenagem intermediária e terminal), representada em sua maior parte por unidades pertencentes à iniciativa privada, com 68,9%. Os órgãos oficiais detêm 22,7%, e os 8,4% restantes pertencem às cooperativas.

O volume produzido chega a 4,4 milhões de toneladas de grãos - milho, arroz, feijão, soja e trigo - de acordo com dados do IEA relativos a 1979/80 (quadro 1).

- DIRA da Capital

Apesar de inexpressiva no tocante à produção de grãos, a Capital caracteriza-se como pólo de concentração de grande volume de produtos agrícolas, parte dos quais é exportada via Santos ou utilizada como matéria-prima pelas agroindústrias. Responde, também, pela armazenagem de grande parte do trigo importado ou produzido em outros estados.

QUADRO 1. - Produção dos Principais Grãos no Estado de São Paulo, Safra 1979/80 e Capacidade de Armazenagem, 1978

(em toneladas)

DIRA	Produção					Total de grãos	Capacidade estática de armazenagem
	Arroz	Feijão	Milho	Soja	Trigo		
São Paulo	6.000	6.600	41.400	-	500	54.500	2.523.089
Vale do Paraíba	29.400	7.500	36.600	-	70	73.570	154.154
Sorocaba	34.800	182.100	412.200	47.400	18.770	695.270	679.909
Campinas	64.800	15.600	235.800	42.000	1.280	359.480	960.946
Ribeirão Preto	73.200	2.100	554.400	676.200	170	1.306.070	2.547.310
Bauru	10.800	2.400	99.600	1.500	-	114.300	656.528
S.J. do Rio Preto	127.200	4.500	347.400	20.400	-	499.500	587.714
Araçatuba	31.800	3.900	281.400	3.600	-	320.700	309.484
Pres. Prudente	9.600	11.400	96.000	17.100	12.060	146.160	838.780
Marília	25.800	12.300	231.000	371.400	197.900	838.400	863.472
Total	413.400	248.400	2.335.800	1.179.600	230.750	4.407.950	10.441.490

Fonte: Instituto de Economia Agrícola (IEA) e Companhia Brasileira de Armazenagem (CIBRAZEM).

- DIRA do Vale do Paraíba

O Vale do Paraíba, eixo importante que liga as duas principais metrópoles do País, tem na pecuária leiteira a sua principal atividade agropecuária.

O Vale do Paraíba, mesmo assim, não é representativo no que tange à produção de grãos e possui pequena capacidade armazenadora (154 mil toneladas).

- DIRA de Sorocaba

Hoje, Sorocaba caracteriza-se como uma região em que o avanço da cana-de-açúcar ocupou áreas anteriormente destinadas a cereais, café e pastagens. Há perspectivas, entretanto, de reerguimento da cultura de milho, que tem nos Municípios de Tatuí, Itapetininga e Sorocaba pólos de grande expressão. Registre-se, também, o avanço do reflorestamento que ocupa, hoje, expressiva área.

A região tem, ainda, grande importância na produção de feijão e cebola, e requer investimentos de infra-estrutura, sobretudo em estradas vicinais e armazenamento.

Estes óbices são observados, principalmente, na Delegacia Agrícola de Itararê, que se constitui no principal pólo de produção de feijão de São Paulo.

Insuficiência de estocagem e secagem nessa zona já chegou a comprometer a comercialização de feijão em anos recentes.

Quanto à cebola, embora haja planos de implantação de uma unidade em Piedade (maior produtor paulista) para conservação e armazenamento, seria conveniente incentivar a melhora do processo de cura e a estocagem a nível de propriedade, visando regularizar o abastecimento e, sobretudo, evitar grandes flutuações nos preços recebidos pelos agricultores.

- DIRA de Campinas

Campinas é uma das regiões do Estado de São Paulo em que a produção de grãos não é tão expressiva, embora seja importante centro produtor agrícola, sobretudo de cana-de-açúcar e algodão. A região é portadora de um setor industrial bastante desenvolvido, quando comparada às demais regiões do interior; a agroindústria açucareira é uma das mais importantes do Estado. A fruticultura passou a ter realce quando a grande

fazenda de café começou a ser dividida. Tem capacidade de armazenagem de 960 mil toneladas, para produção de grãos de 360 mil toneladas. A região funciona como importante centro terminal de vários produtos.

- DIRA de Ribeirão Preto

A região de Ribeirão Preto caracteriza-se como a líder na produção agrícola do Estado de São Paulo e, sobretudo, é bastante diversificada. Cana-de-açúcar, laranja, café e milho são as atividades mais expressivas, seguidas pela soja, arroz, algodão e amendoim. A tendência é a substituição, cada vez mais acentuada, de várias culturas pela cana-de-açúcar, já se notando, inclusive, grande êxodo de agricultores desta área para outras regiões e, mesmo, estados vizinhos.

A capacidade de estocagem de produtos agrícolas tem sido suficiente já que, além da rede oficial, existe aparelhamento adequado a nível de cooperativas. Ribeirão Preto possui a maior capacidade armazenadora do Estado, em consonância com sua posição de principal produtor a nível regional, e o centro expedidor de mercadorias para Brasília e Norte do País. O espaço armazenador é, praticamente, o dobro do volume produzido: 2,5 milhões de toneladas para estocagem em comparação a 1,3 milhão de toneladas de grãos colhidos.

- DIRA de Bauru

Bauru caracteriza-se como região cafeeira por excelência, já tendo inclusive se recuperado da geada de 1975. Praticamente, não apresenta problemas de armazenagem. Em caso de emergência, os armazéns do Instituto Brasileiro do Café (IBC) podem ser utilizados para estocar produtos alternativos. Mostra certa tendência à pecuária em detrimento de atividades agrícolas, fato observado sobretudo nas sub-regiões de Lins e Bauru. Produziu em 1979/80 apenas 114 mil toneladas de grãos para capacidade de estocagem de 656 mil toneladas. Já foi um grande centro expedidor de produtos agrícolas para outras regiões.

- DIRA de São José do Rio Preto

A DIRA de São José do Rio Preto tem no café sua principal exploração agrícola, seguida pela citricultura. Apesar de sua expressão,

arroz e milho vêm apresentando declínio nos últimos anos. A cana-de-açúcar, por sua vez, dobrou sua área a partir de 1975 com a implantação de várias destilarias de álcool.

Possui uma capacidade de estocagem de 587 mil toneladas, que pode ser considerada suficiente para o volume de cereais produzidos. O maior problema reside no fluxo de grãos oriundos de Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, já que a região, por ser fronteira, funciona como entreposto para posterior comercialização dos produtos no Estado de São Paulo. Para o futuro, seria conveniente concentrar esforços nesta região no tocante à expansão da rede armazenadora.

- DIRA de Araçatuba

Araçatuba, região típica de pecuária de corte, onde o café já teve acentuada expressão, não enfrenta maiores problemas quanto à armazenagem, pois dentre os grãos passíveis de estocar, apenas o milho apresenta relativa importância. Pode-se afirmar, com base nos dados da CIBRAZEM, que a capacidade estática de 309 mil toneladas (das quais 60 mil toneladas para a armazenagem a granel) é razoável para a quantidade produzida de grãos, que totalizaram 320 mil toneladas em 1979/80.

- DIRA de Presidente Prudente

A partir de 1960, com a queda na área dedicada a lavouras, a ociosidade do espaço armazenador na região de Presidente Prudente tem sido bastante grande. A região, tida como de exploração pecuária, não deverá apresentar grandes mudanças a curto prazo. Sua localização, próxima ao Estado do Mato Grosso do Sul, deve exigir, portanto, maior atenção, dado o fluxo de mercadorias, já que o problema reside na localização considerada inadequada no momento.

- DIRA de Marília

A soja teve na região de Marília sua maior expansão no Estado de São Paulo, contudo, o café ainda é a principal cultura. Praticamente, é a única zona em que a sucessão soja-trigo é viável.

Destaca-se por uma agricultura bastante diversificada mas, mesmo assim, um aumento acentuado de produção de grãos a curto prazo não deverá ter sua comercialização comprometida pela armazenagem, que atualmente

te pode ser considerada suficiente (863 mil toneladas). Ocupa o segundo posto no tocante à produção estadual de grãos (838 mil toneladas), constituindo-se em zona com grande possibilidade de expansão, devendo no futuro ser olhada com atenção.

3 - CONCLUSÕES

Diante do exposto, constata-se que o maior problema relativo à estocagem de grãos reside na armazenagem primária, ainda considerada in suficiente, redundando em grandes perdas e podendo, ainda, sobrecarregar os outros estágios do sistema, ou seja, as armazenagens intermediária e terminal em períodos de grandes safras. Não chega a 10% a participação da Região Sudeste no total de unidades armazenadoras existentes nas fa zendas.

De modo geral, no entanto, a armazenagem em si não constitui problema crucial na comercialização de produtos agrícolas não perecíveis em São Paulo, mas apresenta problemas de escoamento em alguns pontos, so bretudo na região Sul do Estado. Mesmo assim, a CEAGESP, visando evitar problemas futuros, está planejando ampliar sua capacidade estática com a possível construção de um silo em Presidente Epitácio (Porto Quinze), região que se constituiu em ponto de concentração por estar próxima a Mato Grosso do Sul e Paranã, pólos de grande potencial agrícola e, em especial, de produção de grãos. Isto permitiria um fluxo contínuo via transporte fer roviário, com vistas à exportação ou abastecimento da Capital.

Existe, ainda, a possibilidade de construção de três graneleiros, de 40.000 toneladas, em Avaré, Tupã e São José do Rio Preto. Na rea lidade, haveria ampliações, dado que estes municípios já possuem silos, respectivamente, de 25, 20 e 25 mil toneladas. Finalmente, a graneliza ção (transformação de armazéns em graneleiros) seria uma hipótese remota, mas possível de realização, caso as circunstâncias exijam.